

## **Produção do Espaço e Educação Popular: Reflexões sobre a Experiência no Espaço Criarte Mariana Crioula**

*Vinícius Neves Vasconcelos* (\*)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação de reciprocidade entre as práticas pedagógicas desenvolvidas no Espaço Criarte Mariana Crioula – ECMC e o cotidiano da Ocupação Manoel Congo, no Município do Rio de Janeiro. A perspectiva adotada é a de uma educação popular que contribua para a transformação radical da sociedade capitalista na luta pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001). Para dar conta de tal objetivo é necessário que façamos uma pequena introdução destacando o quadro sócio-histórico no qual se inserem as referidas práticas.

A Ocupação Manoel Congo nasce das necessidades mais proeminentes da classe trabalhadora do nosso país. A urgência por moradia de qualidade, ao acesso à educação, saúde e ao mercado de trabalho, são as motivações mais urgentes que levaram a mobilização de trabalhadores e trabalhadoras no sentido da transformação de sua situação social. Entretanto, a luta se insere em um contexto mais amplo de luta de classe, em um movimento social urbano que opera em escala nacional, o Movimento Nacional de Luta pela Moradia – MNLM. Este tem como missão

estimular a organização e articular nacionalmente os sem-tetos, inquilinos, mutuários e ocupantes, na busca da unificação de suas lutas, pela conquista de uma política habitacional de interesse social com REFORMA URBANA que garanta a universalização dos direitos sociais: direito à saúde, ao transporte, à educação, ao saneamento básico ambiental, à preservação do meio ambiente, trabalho e à participação popular, contribuindo para a construção de uma sociedade socialista, igualitária, democrática (8º ENCONTRO NACIONAL DO MNLM, 2009).

Em outras palavras, o MNLM tem como objetivo unir a luta pelas demandas mais urgentes da classe trabalhadora a um horizonte estratégico mais amplo de transformação radical da sociedade. Nesse sentido, a Ocupação Manoel Congo é resultado da ação coletiva, da organização de trabalhadores e trabalhadoras, que é ao mesmo tempo de resistência às condições de reprodução da vida social expresso pela luta pela moradia de qualidade e de

---

(\*) Mestrando do curso de pós-graduação em Geografia da PUC-Rio e professor de Geografia da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-Rio.  
**Diretoria de Educação Superior/Faetec/SECT-RJ**

transformação não só das condições materiais de vida de cada trabalhador, mas também pela luta pelo direito à cidade.

A Ocupação Manoel Congo está localizada na Rua Alcindo Guanabara, número 20, Cinelândia, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Nascida de uma estratégia de ocupação vinculada aos acúmulos políticos feitos pelo MNLN em direção à construção da Reforma Urbana, dentre os eixos estratégicos se destacam:

- Ocupar imóveis vazios, especialmente públicos, a fim de denunciar o enorme estoque de terras voltado para especulação fundiária no Brasil, que não cumpre nenhuma função social.
- Ocupar áreas infraestruturadas das cidades, preferencialmente os centros urbanos. Denuncia o espraiamento urbano com o deslocamento dos mais pobres para as periferias das cidades, causando sérios impactos sociais e ambientais derivados da falta de infraestrutura.
- Promover a integração entre trabalho, moradia e construção do sujeito coletivo com autonomia sobre a gestão do território.

É fundamental nesse momento deixar claro que compreendemos o espaço (social), de acordo com a perspectiva do filósofo Henri Lefebvre (2006), isto é, como um produto (social), um conjunto de relações sociais e formas. A produção do espaço para o referido autor engloba duas acepções do conceito de produção, uma muito ampla e outra mais restrita e precisa. Na primeira leva em consideração que não há nada na história dos homens, enquanto seres sociais, que não seja adquirido e produzido, até mesmo a “natureza” biológica se apresenta na vida social modificada, portanto, produzida. Já a segunda está relacionada ao ato de produzir coisas através do trabalho, o que ganha caráter concreto e recebe conteúdo quando surgem as respostas as seguintes questões: “Quem produz? O que? Como? Por que e pra quem?”. Encontramos nessas respostas as forças produtivas, as relações de propriedade e de produção, as formas de distribuição da riqueza produzida no interior das diferentes formações sociais.

Para Lefebvre (2006) o espaço não é apenas um conjunto de objetos produzidos no espaço. Ele compreende a relação entre os objetos em sua coexistência e simultaneidade. É a própria produção do espaço tanto como instrumento ao pensamento, como à ação, meio de produção e controle, mas ao mesmo tempo como possibilidade que escapa ao domínio

daqueles que dele se servem. Sendo assim, “não há coisas como espaço ou tempo fora dos processos que os definem”, estes “não ocorrem no espaço, mas definem o seu próprio quadro espacial” (HARVEY, 2012).

A centralidade da produção evidencia o caráter de prática social do espaço que é vivida antes de ser concebida. Assim como o ser social antecede consciência social, a produção material do espaço antecede as formas de representação do mesmo, entretanto, não podemos congelar esse momento de primazia, mas antes, colocá-lo em tensão dialética com significados que lhe são atribuídos, em uma relação de mútua determinação. As formas de representação do espaço (concebido por cientistas, planejadores, tecnocratas e artistas próximos da cientificidade, relacionada a reprodução da classe dominante) e os espaços de representação (espaços do vivido, permeado pelo imaginário e simbolismo) possuem uma potencialidade material na medida em que são capazes influenciar as práticas espaciais.

As classes dominantes tem se servido muito bem do caráter subjetivo e simbólico do espaço através de sua prática de hegemonia. Ela a exerce por meio de um espaço construído, pela utilização de uma lógica apropriada, pelo emprego do saber e da técnica como forma de poder. Contudo, esse sistema não é fechado, a coerção, por mais bem sucedida que seja não prescinde de violência, a coesão lhe falta, as contradições são inerentes a reprodução da vida social.

É nesse sentido que nós do Espaço Criarte Mariana Crioula entendemos as práticas de educação popular. Em uma acepção mais genérica a educação popular está relacionada a toda prática pedagógica voltada para as classes populares. Não é difícil observar como as classes dominantes utilizam estratégias de educação popular em seus projetos de hegemonia. Programas de televisão assistidos pelas massas que se apropriam de aspectos da cultura popular, a própria produção da cultura popular impregnada de ideologia e esvaziada em seu conteúdo subversivo, entre outros exemplos.

Exemplos de como a classe dominante utiliza práticas de educação popular no que se refere à luta por moradia e a pelo direito à cidade não faltam. O próprio nome do principal programa do governo para habitação de interesse social, Minha Casa Minha Vida, evidencia o caráter privativo da moradia, como um espaço fechado em si mesmo que pouco ou não se relaciona com a cidade. Cabe nesse momento evidenciar a distinção feita por Lefebvre (s/d, p.210) entre habitat e habitar.

El habitat surge de una descripción morfológica, es un cuadro. Habitar es una actividad, una situación. Aportamos una noción decisiva: la de apropiación;

habitar, para el individuo o para el grupo, es apropiarse de algo. Apropiarse no es tener en propiedad, sino hacer su obra, modelarla, formarla, poner el sello propio. (...) Habitar es apropiarse del un espaço; es también fazer frente a los constreñimientos, es decir, es el lugar de lo conflito, a menudo agudo, entre los constreñimientos y las forças de apropiación; este conflito existe siempre, sean cuales forem los elementos y la importância de los elementos presentes.

Assim, o programa Minha Casa Minha Vida enquanto prática espacial, o que inclui as representações do espaço e os espaços de representação, está relacionado ao habitat, à estrutura física, privativa da moradia em oposição ao habitar, vinculado à apropriação do espaço pelos indivíduos e grupos, ao direito de se apropriar e viver a cidade, mais próxima das lutas por reforma urbana, em especial, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia.

Se a partir de uma perspectiva mais abrangente a educação popular pode assumir um caráter conservador e reacionário, de uma forma mais específica ela vincula-se ao esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares para transformação da sociedade burguesa e para exercício do poder que se vai necessariamente se conquistando (FREIRE; NOGUEIRA, 1993).

Nós, do Espaço Criarte Mariana Crioula, entendemos a nossa prática pedagógica enquanto um eixo específico da educação popular que tem seus princípios definidos e reflete constantemente a sua prática. Ademais, compreendemo-la, sobretudo, como múltiplos diálogos entre conceitos e categorias fundamentais para a compreensão e transformação da realidade e o conhecimento produzido a partir da vida cotidiana dos trabalhadores em seus diferentes contextos espaço-temporais. A escolha de tais conteúdos e categorias “têm por base considerações valorativas, posicionamento de classe, visão de mundo e a subjetividade de quem seleciona” (IASI, 2010).

Como nos alerta o professor Paulo Freire (1993), na prática pedagógica popular é fundamental envolver dialeticamente a noção e o gosto da reunião e da luta em torno de si mesmos, do cotidiano da classe, e a busca por mudanças mais amplas na sociedade. Na mesma direção Iasi (2001, p. 51) sintetiza bem a relação entre teoria e prática em educação popular.

A realidade concreta é a nossa matéria-prima, é o ponto de partida de todo o conhecimento e é, também, o ponto de partida efetivo da atividade de formação. É o nosso instrumento de superação das aparências e de compreensão da realidade. A atividade de formação é o momento de encontro entre a vida e a teoria, quando o esforço pedagógico se expressa na tentativa de traduzir a teoria em vida, vivenciá-la. Poderíamos afirmar que o eixo principal da proposta consiste em vivenciar o conceito, ou seja, traduzir a teoria através de mediações que a tornem apreensível e com um significado para o grupo que a procura.

Partimos, então, da relação processual de formação – transformação – formação em um movimento em espiral com avanços e retrocessos em direção à construção da possibilidade de uma humanidade emancipada.

Cabe ressaltar que estes são momentos da prática pedagógica e não uma tríade, uma vez que mesmo estando interrelacionados cada um tem seu lugar necessário na prática pedagógica transformadora. Isso significa que a formação é o momento da práxis pedagógica, do diálogo entre o conhecimento científico, levando em conta o posicionamento de classe, e o conhecimento alicerçado nas experiências concretas de cada grupo social em sua realidade espaço-temporal, de modo a contribuir para uma prática transformadora, permitindo surgimento de um novo contexto concreto e abrindo caminho para uma nova prática de formação. Essa relação proposta por nós ganha conteúdo prático e teórico quando analisado a luz da tríade lefebvriana percebido-concebido-vivido.

De acordo com Lefebvre (2006) o percebido está relacionado a mediação entre o corpo e o mundo, nas formas de como empregamos nossas mãos, órgãos sensoriais, os gestos do trabalho e das atividades exteriores ao trabalho na percepção do mundo exterior, espacialmente vincula-se a prática do espaço. O concebido são as formas de representação da realidade, provem da relação entre ciência, conhecimento e ideologia, espacialmente vincula-se as representações do espaço. Por fim, o vivido é a dimensão simbólica dos “habitantes”, dos “usadores”, espacialmente vincula-se aos espaços de representação, “trata-se do espaço dominado, portanto, submetido, que a imaginação tenta modificar e apropriar” (LEFEBVRE, 2006, p. 35).

Podemos então compreender cada momento de nossa proposta de educação popular (formação – transformação – formação) uma combinação particular de cada elemento das tríades lefebvrianas. Entendemos que as atividades pedagógicas de formação desenvolvidas no Espaço Criarte Mariana Crioula – ECMC ocorrem em um espaço-tempo específico, vinculado à luta pela transformação das condições materiais e simbólicas de vida da classe trabalhadora e que também busca se inserir em um processo mais amplo de transformação radical e superação da sociedade capitalista. Isso implica um conjunto de práticas espaciais específicas no cotidiano das famílias da Ocupação Manoel Congo. O fato de ocuparem um prédio (apropriação do espaço) a partir de um projeto coletivo de habitação de interesse social, a presença de espaços de uso coletivo no interior da ocupação (sala da assembleia, “escolinha”, casa de samba, escritório do MNLM), as brigadas e tarefas como a portaria e a

limpeza (militantes dedicam 3 horas e meia por semana ao cumprimento das tarefas) e os constantes atos e mobilizações inerentes à luta pela moradia e reforma urbana. Acrescenta-se a estas práticas a realidade urbana contemporânea, a necessidade de vender a força de trabalho, a relação com diferentes instituições (no caso do ECMC a escola tem um papel privilegiado), a mobilidade e os diferentes usos do espaço urbano que são profundamente modificados quando essas famílias se apropriam do centro da cidade.

Essa percepção do espaço é posta em tensão com o espaço vivido (espaços de representação) e as diferentes formas de concepção (representações do espaço). Está em conflito com o habitat, com a difusão do sonho da casa própria (privada e privativa), da mercantilização do espaço urbano, da sobredeterminação do valor de troca em relação ao valor de uso, ao delírio do consumo (muitas famílias após mudarem para o centro da cidade aumentaram sua capacidade de consumo, graças às novas possibilidades de trabalho formal e informal que esse fato proporciona). Ao mesmo tempo, convive com espaços de representação, visões de mundo vinculadas a práticas religiosas das famílias (muitas famílias são evangélicas) e também à construção de uma identidade com a ocupação. Um sentimento expresso no entusiasmo das famílias nas festas de comemoração do aniversário da ocupação.

Essas diferentes dimensões da produção do espaço da Ocupação Manoel Congo tem consequências importantes na formação e nas práticas desenvolvidas no ECMC. A começar pelas práticas espaciais, o fato de as crianças e os adolescentes que fazem parte do ECMC terem nascido ou participado desde o início do processo de apropriação do espaço (ocupação, participação das atividades coletivas, etc) proporcionou a construção de uma peculiar percepção do espaço. Mesmo que não compreendam muito bem as razões, sabem que vivem em espaço diferenciado, que possui estrutura e práticas que não são comuns aos demais espaços de moradia. Mobilizações de rua, atividades culturais, já fazem parte do cotidiano dessas crianças e desses adolescentes, o que fica claro nas atividades desenvolvidas no ECMC.

No que diz respeito às representações do espaço podemos relacioná-las, de acordo com Lefebvre (2006), a contradição inerente à produção do espaço. Segundo o autor, a relação entre produto e obra é fundamental para a compreensão da história do espaço, uma vez que compreendemos o caráter criativo, único e insubstituível da obra, enquanto o produto pode se repetir e resulta de atos e gestos programados. Assim, quando a produção do espaço segue os ditames do Poder, produz-se sem criar, reproduz-se, cessa a história do espaço. Entretanto, quando os “usadores” não apenas demandam, mas também encomendam

uma determinada produção do espaço através de práticas espaciais subversivas não há apenas produção. Há criação! Obra e produto seguem em tensão dialética entre o espaço abstrato (vinculado ao trabalho abstrato gerador de valor de troca alienado a reprodução da vida social) e o espaço diferencial (que se abre a possibilidade do novo, a partir das diferenças, unindo trabalho e reprodução da vida social). Tal contradição evidencia o embate entre as forças conservadoras e revolucionárias na sociedade.

Essa contradição fundante aparece como mediação na prática de formação do ECMC. As representações do espaço hegemônicas (forças conservadoras) entram em confronto com as práticas pedagógicas de cunho transformador, como a valorização do coletivo enquanto possibilidade de realização individual em contraponto ao individualismo egoísta burguês; a valorização das diferenças em detrimento da homogeneidade do espaço abstrato; o incentivo à cooperação, em oposição à competição e à meritocracia em diversas instituições como a escola e a empresa; a construção do ator coletivo capaz de uma ação radical de superação da sociedade em choque com a reprodução das relações sociais de produção capitalista.

A relação entre representações do espaço e as atividades de formação do ECMC não param por aí. A contradição entre o espaço concebido da família burguesa e a proposta de construção de uma educação coletiva é fundamental para analisarmos o cotidiano do ECMC. Percebemos que as crianças e os adolescentes das famílias mais estruturadas e que mais participam da criação de seus filhos pouco ou não frequentam o ECMC. Esta situação está vinculada a pelo menos dois problemas fundamentais. O primeiro relaciona-se diretamente à concepção de espaço familiar como privado, a melhor educação possível para os filhos é aquela dada pelos pais no espaço privado do lar. Essa concepção entra em choque com a proposta de educação coletiva das crianças e dos adolescentes da comunidade, na qual todos os membros da mesma são responsáveis por seus descendentes, contribuindo para formação dos mesmos.

Outro problema identificado é a concepção do espaço pedagógico do ECMC como “depósito de crianças”, como se os educadores fossem meros “tomadores de conta” das crianças e dos adolescentes, realizando atividades recreativas. Não podemos isolar os dois problemas levantados. Eles estão intimamente relacionados, uma vez que a concepção do espaço privado familiar como espaço preferencial para a educação contribui para a fetichização de qualquer outra proposta de espaço pedagógico, que por sua vez contribui para a concepção do espaço privado familiar como única alternativa para a educação de jovens e adolescentes.

Também podemos observar raízes comuns aos dois problemas, como a falta de envolvimento das famílias na construção de um espaço coletivo na Ocupação Manoel Congo, alertando para o fato de que as condições materiais não são suficientes para impulsionar um projeto transformador, em que as representações cumprem um papel fundamental; algumas práticas do MNLM com relação ao ECMC também contribuem para a fetichização do espaço. Um exemplo flagrante ocorre quando os educadores e coordenadores do núcleo pedagógico do movimento são privados de participar dos eventos coletivos para ficar com as crianças de modo a possibilitar a participação integral dos pais. Este fato contribui para o afastamento entre os pais e os educadores e ainda, o que é mais problemático, não estabelece uma relação entre estes últimos e o cotidiano do ECMC, pois se a responsabilidade pelas crianças fosse de fato compartilhada durante os eventos seria uma ótima oportunidade de integração entre as crianças, os pais e educadores reafirmando a proposta de educação coletiva do ECMC.

Como já fora supracitado, nas atividades desenvolvidas no cotidiano do ECMC pode-se observar diversos aspectos da relação entre percebido-concebido-vivido no espaço da Ocupação Manoel Congo. Uma das atividades mais emblemáticas fora realizada no ano de 2011, sobre as políticas públicas de habitação no Brasil, particularmente o projeto Porto Maravilha na região portuária do Rio de Janeiro. A atividade tinha como objetivo compreender o processo de remoções que estava ocorrendo em benefício da especulação imobiliária, estimulando nas crianças e nos jovens a necessidade de lutar em defesa dos direitos de moradia.

Nessa atividade foi flagrante como a percepção do espaço a partir das práticas espaciais específicas desenvolvidas na Ocupação Manoel Congo direcionou a compreensão das crianças com relação à luta pela moradia, com expressões como a que se segue: “porto maravilha para os pobres” (cartazes elaborados pelas crianças). Entretanto, o espaço concebido pela classe dominante também exerce sua influência como, por exemplo, na falta de cooperação entre as crianças durante a atividade, desrespeitando o momento de cada uma na leitura dos textos propostos e na elaboração dos cartazes.

Por fim, chegamos ao último momento que nós propomos da prática pedagógica do ECMC. Ele é ao mesmo tempo ponto de chegada e ponto de partida. Ponto de chegada como avaliação, como momento de prática reflexiva, análise da nova relação dialética entre percebido-concebido-vivido nas práticas espaciais de crianças e adolescentes do ECMC, a final de contas, é uma prática pedagógica comprometida com a transform(ação), com a

práxis. “É apenas quando a racionalidade conecta-se com o espaço e os tempos absolutos da vida social e material que a política se torna viva. Negligenciar esta conectividade é condenar a política” [prática pedagógica do ECMC] “à irrelevância” (HARVEY, 2012).

Também é ponto de partida na medida em que novos desafios se impõem, exigem novas táticas e estratégias. Seguindo na mesma direção de Harvey, as práticas pedagógicas desenvolvidas no ECMC só tem sentido quando crianças e adolescentes passa a agir a partir de uma percepção do espaço consciente, que a partir do vivido sejam capazes de uma ação criativa e transformadora, que suplantem o espaço concebido pela classe dominante e se apropriem do espaço seus corpos e mentes.

É nesse sentido que o ECMC busca se inserir no cotidiano de crianças e adolescentes da Ocupação Manoel Congo. Para Lefebvre a cotidianidade é organizada segundo ordens próximas (a família, o morar e a moradia, a cozinha, a moda), entretanto, não há como deslocá-las e dissociá-las e uma ordem maior, regida por grandes instituições (Igreja, Estado) e por um código jurídico e “cultural” formalizado ou não, a chamada *ordem distante*. Não obstante,

a ordem distante se institui nesse nível “superior”, isto é, nesse nível dotado de poderes. Ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias (religiosas políticas). Comporta princípios morais e jurídicos. Esta ordem distante projeta-se na realidade ao prático-sensível. Torna-se visível a se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa seu poder coator. (...) Contendo a ordem próxima, ela mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; e o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre o terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata (LEFEBVRE, 2001, p. 52).

Podemos então compreender a cotidianidade como produto de uma ordem distante, mas não redutível a ela, meio de sua reprodução como uma ordem estruturada estruturante (LEFEBVRE, 1991).

O estudo do cotidiano faz então aparecer novas contradições, lastreadas estruturalmente, dentre as mais importantes estão as contradições do/no espaço. Para dar conta de tais contradições Lefebvre (2006) propõe a tríade espaço absoluto, espaço relativo e espaço diferencial. O espaço absoluto vincula-se ao passado, aproxima-se não da razão, mas do corpo, dos significados, sensações e sanções, é mental e imaginário, entretanto possui uma existência social e, assim, real. Sobrevive no presente como espaços de representação (simbolismos religiosos, místicos e políticos).

O espaço abstrato surge com o modo de produção capitalista, com o trabalho abstrato como substrato do valor, esvaziado de suas características qualitativas, desvinculado da reprodução que perpetuava a vida social. A partir dele o domínio técnico sobre a natureza, através do trabalho abstrato, não corresponde mais a apropriação pelo ser humano de seu próprio ser natural (o corpo o desejo, o tempo, o espaço). Há então uma contradição entre o indivíduo e o gênero humano (a coletividade de homens de que é herdeiro), ou seja, da necessidade de realização pessoal e o trabalho abstrato gerador de valor e mais valia.

Do confronto entre o espaço abstrato das práticas econômicas e políticas que originam com a classe capitalista, o Estado e a necessária produção de valores de uso para o conjunto da sociedade e seus indivíduos na vida cotidiana surge o espaço diferencial, que abre no presente como possibilidade ao futuro (COSTA, 2007).

A partir dessas contradições que podemos falar do mal estar e do irracionalismo presentes na vida cotidiana (LEFEBVRE, 1991). A satisfação nossas necessidades é cada vez mais mediada pela mercadoria e pelo consumo. Para venda de um número cada vez maior de mercadorias a fim atender a reprodução ampliada de capital, mais do que gerar novas necessidade para serem saturadas pelo consumo, é preciso produzir uma insatisfação generalizada, impelindo-nos novamente ao consumo. O mal estar surge da insatisfação programada, do espaço abstrato, da incapacidade de realização do indivíduo nas necessidades sociais de reprodução do capital.

O irracionalismo também surge dessa falta de realização. “Tudo se passa como se as pessoas não tivessem nada para dar um sentido à sua vida cotidiana, nem mesmo para se orientar e dirigi-la, posta de lado a publicidade. Recorrem então às velhas magias” (LEFEBVRE, 1991, p. 92). As contradições do espaço abstrato recuperam o misticismo e o imaginário do espaço absoluto tornando essa relação indissociável.

As contradições entre espaço absoluto-abstrato-diferencial se fazem presente no cotidiano da Ocupação Manoel Congo e são facilmente identificadas nas atividades do ECMC. A discriminação racial, herança de uma sociedade moderna colonial escravista, faz parte do cotidiano de crianças e adolescentes do ECMC, seja com brincadeiras e apelidos discriminatórios de cunho racista (macaco, toco preto, etc), ou manifesto na dificuldade de construir junto as crianças e adolescentes uma identidade que valorize as origens africanas e supere o senso comum que as vincula, muitas vezes, de forma pejorativa.

Durante uma das atividades que tinha como objetivo aproximar as crianças das matrizes culturais africanas surge a seguinte problemática: um dos educadores, para  
**Diretoria de Educação Superior/Faetec/SECT-RJ**

exemplificar as fortes raízes africanas na nossa cultura, pergunta para as crianças do ECMC quais delas eram negras. Para a nossa surpresa, a criança com características físicas mais próximas do que costumamos chamar de negros (cabelos crespos, pele escura, nariz e boca grossos), diz com veemência que não é negra. Imediatamente perguntamos por que não era negra. A resposta fora imediata: “porque negro é feio!”. Mais uma vez intervimos: “sua mãe e sua vó (as duas tem a pele mais escura do que a menina) são negras?”. Após resposta afirmativa, perguntamos novamente: “elas são feias?”. Com a maior naturalidade e sem perceber a absurdo lógico da sua afirmação a menina responde: “claro que não!”.

Por mais que a Ocupação Manoel Congo esteja inserida no contexto da cidade como um espaço diferencial, da possibilidade da transformação, que coloca em xeque elementos centrais da dominação e exploração da sociedades de classe como a propriedade privada do solo urbano e o individualismo, é também espaço absoluto, do irracionalismo vinculado a nossa herança colonial, da discriminação racial, religiosa e cultural.

Como já vimos, os valores inerentes a sociedade da mercadoria também fazem parte do cotidiano do ECMC. Nossas crianças e adolescentes vislumbram boa parte das suas realizações no consumo de produtos standardizados, sejam eles culturais (programas de televisão, música, etc) ou materiais (roupas da moda, sapatos, etc). Esse ponto é particularmente importante para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no ECMC. Nossas atividades tem se mostrado pouco atrativas para os mais velhos, principalmente quando atingem a adolescência, temos muitas dificuldades de propor atividades contra-hegemônicas que consigam despertar o interesse dos jovens, evidenciando uma relação de poder assimétrica entre os espaços abstratos e os espaços diferenciais.

Como vimos o cotidiano faz parte de uma estratégia global (econômica, política e cultural) da classe hegemônica e também lugar das contradições. São dessas últimas que surgem novas possibilidades (espaço diferencial), sendo assim, a transformação radical da sociedade com a superação da ordem burguesa passa pelo cotidiano, por uma revolução cultural nas palavras de Lefebvre (1991, p. 214).

Ela orienta a cultura em direção a uma prática: a cotidianidade transformada. A revolução muda a vida, não apenas o Estado ou as relações de propriedade. Não tomemos mais os meios como fim! Isso se enuncia desta maneira: ‘Que o cotidiano se torne obra! Que toda técnica esteja a serviço dessa transformação do cotidiano’.

O capitalismo não é um sistema fechado, embora busque sempre uma coerência e coesão. Reproduz-se a partir do cotidiano e das representações, entretanto, estes últimos apresentam-

se na realidade de forma contraditória entre o controle e a possibilidade, entre a reação e subversão. Fazer do cotidiano uma prática subversiva a partir de representações que projetem novas possibilidades de futuro é um imperativo para a prática revolucionária.

Nesse sentido o cotidiano da Ocupação Manoel Congo e as atividades desenvolvidas no ECMC representam processos que visam romper com a serialidade<sup>1</sup> do cotidiano, superando a situação de indivíduos seriados de uma sociedade dada (consumidores de produtos estandardizados, reprodutores hábitos, costumes e linguagens que os oprimem) , para a situação de indivíduos associados que a compreendam a sociedade como *vir-a-ser*, como possibilidade de transformação.

### Considerações finais

Neste pequeno trabalho buscamos analisar a relação dialética entre as práticas pedagógica desenvolvida no Espaço Criarte Mariana Crioula e a produção do espaço da Ocupação Manoel Congo no centro da cidade do Rio de Janeiro. Partimos de uma concepção específica de educação popular, que possui princípios definidos em uma prática contra hegemônica capaz de construir indivíduos conscientes de si mesmo e de sua inserção no mundo, em um processo de resistência, transformação e criação.

Nesse processo propomos três momentos (formação-transformação-formação') que não se relacionam linearmente, mas em espiral com avanços e retrocessos em direção a construção de uma sociedade emancipada. Cada um desses momentos possui uma combinação particular da tríade lefebvriana percebido-concebido-vivido.

Finalmente, entendemos que as práticas espaciais específicas da Ocupação Manoel Congo influenciam de forma decisiva as práticas pedagógicas desenvolvidas no ECMC. Entretanto, tanto tais práticas espaciais como pedagógicas (não menos espaciais na medida em que se realizam em um espaço específico e o transforma) estão em relação inalienável com concepções do espaço hegemônicas vinculadas a reprodução das relações sociais de produção. Essa simultaneidade, embora desigual, associada ao cotidiano, ao espaço vivido por crianças e adolescentes resultando em uma prática pedagógica contra hegemônica quem com princípio e fim a ação, a práxis transformadora.

---

<sup>1</sup> Jean-Paul Sartre desenvolve em seu livro *Crítica de la Razón Dialéctica* o conceito de serialidade. Para o autor a serialidade é uma etapa pré-grupo, na qual a unidade entre os indivíduos é garantida por algo exterior a eles. A passagem para a comunidade, o grupo, em seu desenvolvimento, passa pela reconhecimento de características comuns, definição de metas e auto-organização.

## Referências

- COSTA, Geraldo Magela. Teorias sócio-espaciais: diante de um impasse? Etc... etc, espaço, tempo crítica. In: *Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas*, n. 2 (2), vol. 1, 15 de jul. 2007.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- HARVEY, David. O espaço como palavra chave. In: *GEOgraphia*, vol. 14 n. 28, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. London: Verso, 2012b.
- IASI, Mauro. Consciência e metodologia da educação popular: contribuição à discussão metodológica. In: *Outro Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 4, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. *Vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A produção do espaço*. MARTINS, Sérgio; PEREIRA, Doralice Barros (trad.) Belo Horizonte, (no prelo), [2000] 2006, p.3-37.
- \_\_\_\_\_. *De lo rural e lo urbano*. Barcelona: Península, s/d.

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação de mútua determinação entre as práticas de educação popular e o cotidiano de uma ocupação urbana no centro do Rio de Janeiro. Para tal tarefa utilizaremos as tríades lefebvriana de concebido-percebido-vivido e de espaço absoluto-abstrato-relativo a fim de compreender múltiplas determinações que conformam a referida prática pedagógica, esperando contribuir para a construção de uma educação popular comprometida com a transformação radical da sociedade capitalista na luta pelo direito à cidade.

**Palavras-chave:** Produção do Espaço; Educação Popular; Direito à Cidade.

**Abstract:** This study aims to understand the relationship of mutual determination between popular education practices and everyday urban occupation in the center of Rio de Janeiro. For this task we use triads lefebvriana of perceived-conceived-lived and absolute space-abstract-on in order to understand multiple determinations that constitute such pedagogical practice, hoping to contribute to the construction of a popular education committed to the radical transformation of society capitalist in the fight right to the city.

**Keywords:** Production of Space; Popular Education; Right to the City.

Recebido em: 15/10/2013.

Aceito em: 29/10/2013.